

NEIL GAIMAN



MITOLOGIA
NÓRDICA

MITOLOGIA
NÓRDICA

NEIL GAIMAN

MITOLOGIA
NÓRDICA

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS



Copyright © 2017 by Neil Gaiman
Publicado mediante acordo com W. W. Norton & Company, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Norse Mythology

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Giu Alonso
Milena Vargas

PROJETO GRÁFICO
Chris Welch Design

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G134m

Gaiman, Neil, 1960-
Mitologia nórdica / Neil Gaiman ; Tradução de
Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
288 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Norse mythology
ISBN: 978-85-510-0128-8

1. Mitologia - Contos. 2. Ficção inglesa.
I. Barreiros, Edmundo. II. Título.

16-38810

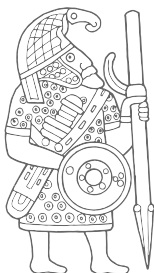
CDD: 823
CDU: 821.111-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99,
3º andar - 22451-041 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

1ª edição MARÇO DE 2017
impressão RR DONNELLEY
papel de miolo PÓLEN BOLD 70G/M²
papel de capa SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M²
tipografia COCHIN

A EVERETT,
VELHAS HISTÓRIAS
PARA UM JOVEM GAROTO.



S U M Á R I O

Uma apresentação 9

OS PERSONAGENS 17

ANTES DO PRINCÍPIO, E O QUE VEIO DEPOIS 25

A YGGDRASILL E OS NOVE MUNDOS 35

A CABEÇA DE MÍMIR E O OLHO DE ODIN 41

OS TESOUROS DOS DEUSES 47

O MESTRE CONSTRUTOR 67

OS FILHOS DE LOKI 87

O CASAMENTO INCOMUM DE FREYA 103

O HIDROMEL DA POESIA	121
THOR NA TERRA DOS GIGANTES	149
AS MAÇÃS DA IMORTALIDADE	175
A HISTÓRIA DE GERDA E FREY	195
A PESCARIA DE HYMIR E THOR	207
A MORTE DE BALDER	225
OS ÚLTIMOS DIAS DE LOKI	245
RAGNARÖK: O DESTINO FINAL DOS DEUSES	261

Glossário 277

U M A A P R E S E N T A Ç Ã O

É tão difícil escolher um universo favorito de lendas e mitos quanto se decidir por um prato preferido (em algumas noites queremos comida tailandesa, em outras, sushi, e às vezes só conseguimos pensar na comida caseira e simples da nossa infância). Mas, se eu tivesse que escolher um, provavelmente seria o dos mitos nórdicos.

Meu primeiro encontro com Asgard e seus habitantes foi ainda menino, quando eu tinha uns sete anos e me deparei com os quadrinhos do *Poderoso Thor*. As aventuras do deus eram retratadas pelo artista americano Jack Kirby, com roteiros de Kirby e Stan Lee e diálogos escritos pelo irmão de Stan, Larry Lieber. O Thor de Kirby era poderoso e boa-pinta; sua Asgard era imponente, uma cidade saída da ficção científica, com prédios grandiosos e edifícios perigosos; seu Odin era sábio e nobre; e seu Loki era uma criatura sardônica usando um elmo com chifres, a malícia personificada. Eu amava aquele Thor louro empunhando seu martelo e queria saber mais sobre ele.

Peguei emprestado um exemplar de *Myths of the Norsemen*, de Roger Lancelyn Green, e o li e reli com prazer e perplexidade: Asgard, naquela narrativa, não era mais uma cidade futurística kirbyana, e sim um salão viking e alguns aglomerados de edifícios espalhados por planícies de gelo. Odin, o Pai de Todos, não era gentil, sábio e irascível; na verdade, era brilhante, misterioso e perigoso. Thor era tão forte quanto o que conheci nos quadrinhos, e possuía um martelo igualmente poderoso, mas não era... Bem, para ser sincero, ele não era um deus conhecido pela esperteza. E Loki não era mau, ainda que com certeza não agisse em prol do bem. Loki era... complicado.

Aprendi que os deuses nórdicos tinham o próprio juízo final: o Ragnarök, o crepúsculo dos deuses, o fim de tudo. O dia em que deuses e gigantes do gelo se enfrentariam e morreriam.

Será que o Ragnarök já aconteceu? Ou ainda vai acontecer?, me perguntava na época. Eu não sabia antes, e hoje ainda não tenho certeza.

Foi o fato de que aquele mundo e aquela história tinham um fim, e o jeito como tudo acabava e recomeçava, que fez dos deuses, dos gigantes do gelo e de todos os seres, heróis e vilões, trágicos. O Ragnarök fez com que o mundo escandinavo persistisse para mim, estranhamente presente e atual, enquanto outros sistemas de crenças — às vezes até mais bem documentados — pareciam parte do passado, antiquados.

A mitologia nórdica nos apresenta os mitos de um lugar gelado, com noites muito, muito longas no inverno e dias

intermináveis no verão; mitos de um povo que não confiava plenamente em seus deuses ou nem sequer gostava deles, ainda que os respeitasse e temesse. Ao que tudo indica, os deuses de Asgard se originaram na região da Alemanha, depois se espalharam pela península escandinava e para os territórios dominados pelos vikings — como as ilhas Órcades e a Escócia, a Irlanda e o norte da Inglaterra —, onde os invasores batizaram acampamentos em homenagem a Thor e Odin e deixaram suas marcas nos dias da semana. Tyr, o filho maneta de Odin, assim como o próprio Odin, junto a Thor e Frigga, a rainha de Asgard, deram origem aos nomes ingleses dos dias da semana, respectivamente: terça-feira (*tuesday*), quarta-feira (*wednesday*), quinta-feira (*thursday*) e sexta-feira (*friday*).

É possível encontrar traços de mitos e religiões ainda mais antigos na guerra e nas histórias sobre a aliança entre os deuses Vanir e Aesir. Ao que parece, os Vanir eram deuses da natureza, irmãos e irmãs, e menos belicosos que os Aesir, mas não menos perigosos.

Também é bem provável — ou pelo menos uma hipótese plausível — que certas tribos cultuassem os Vanir, enquanto outras cultuassem os Aesir, e que os adoradores dos Aesir tenham invadido as terras dos adoradores dos Vanir e feito acordos para se estabelecer ali. Alguns deuses dos Vanir, como os irmãos Freya e Frey, vivem em Asgard entre os Aesir. História, religião e mito se misturam, e ficamos aqui nos indagando, conjecturando e deduzindo, como detetives reconstruindo os detalhes de um crime há muito esquecido.

Há tantas lendas nórdicas que desconhecemos, tanto que ainda não sabemos. Temos acesso apenas a alguns

poucos mitos que chegaram até nós através do folclore, na forma de recontos, de poemas, de prosa. Eles foram registrados no papel quando o cristianismo já havia substituído a adoração pelos deuses nórdicos, e algumas dessas histórias só vieram à luz porque havia o medo de que, caso não fossem preservadas, não seria mais possível compreender alguns dos *kennings* — figuras de linguagem poéticas cunhadas a partir de mitos específicos e usadas para se referir a determinados elementos. A expressão “lágrimas de Freya”, por exemplo, era uma maneira poética de se referir ao ouro. Em alguns mitos, os deuses nórdicos foram descritos como homens, reis ou heróis de outros tempos, para que seus feitos pudessem ser contados no mundo cristão. Parte das histórias e dos poemas faz referência, direta ou indiretamente, a outros mitos, sagas que simplesmente não existem mais.

É como se as únicas histórias conhecidas de deuses e semideuses da Grécia e da Roma Antiga fossem os feitos de Teseu e Hércules.

Perdemos muita coisa.

Há muitas deusas nórdicas. Sabemos seus nomes e alguns de seus atributos e poderes, mas suas histórias, seus mitos e rituais, não sobreviveram ao tempo. Queria poder recontar as histórias de Eir, a médica dos deuses; de Lofn, a consoladora, a deusa nórdica dos casamentos; ou de Sjöfn, uma deusa do amor. Isso sem falar em Vor, a deusa da sabedoria. Até consigo imaginar algumas delas, mas não sou capaz de desvelar seus mitos. Essas narrativas foram perdidas, enterradas, esquecidas.

Eu me empenhei ao máximo para manter os mitos o mais próximos possível do original, e para recontá-los da forma mais interessante que consegui.

Às vezes há detalhes contraditórios, mas espero que com eles eu consiga pintar um quadro de um mundo e uma época. Enquanto recontava esses mitos, tentei me imaginar muito tempo atrás, nas terras onde essas histórias foram contadas pela primeira vez, durante as longas noites de inverno, quem sabe sob o brilho da aurora, ou então sentado ao ar livre durante a madrugada, ainda acordado sob a luz interminável no auge do verão, cercado por pessoas que queriam saber o que mais Thor fez, o que era o arco-íris, como levar a própria vida e de onde vem a poesia ruim.

Quando terminei de escrever estas histórias e as li em sequência, fiquei surpreso ao descobrir que elas pareciam uma jornada, indo do gelo e do fogo que originaram o universo até o fogo e o gelo do fim do mundo. Pelo caminho, encontramos justamente o tipo de gente que encontraríamos se tivéssemos vivido essa jornada, gente como Loki e Thor e Odin, gente que gostaríamos de conhecer melhor (como minha favorita, Angrboda, a esposa de Loki entre os gigantes, que dá à luz seus filhos monstruosos e aparece na forma de fantasma na história em que Balder é assassinado).

Não me atrevi a revisitar as narrativas dos contadores de mitos nórdicos cujo trabalho eu tanto gostei de ler, como Roger Lancelyn Green e Kevin Crossley-Holland. Em vez disso, decidi esmiuçar as diversas traduções da *Edda em Prosa*, de Snorri Sturluson, e ler os versos da *Edda*

Poética, esquadrinhando palavras de mais de novecentos anos atrás a fim de selecionar as histórias que queria recontar e definir como queria contá-las, misturando versões dos mitos em prosa e em poesia (por exemplo, a visita que Thor faz a Hymir, da forma como narro aqui, é um híbrido: o começo é da *Edda Poética*, mas acrescentei detalhes da aventura de pescaria de Thor na versão de Sturluson).

Meu exemplar surrado de *A Dictionary of Northern Mythology*, de Rudolf Simek, traduzido para o inglês por Angela Hall, foi extremamente valioso durante todo o processo, consultado com regularidade, além de revelador e informativo.

Muito obrigado a minha velha amiga Alisa Kwitney por toda a sua assistência editorial. Agradeço por ser sempre uma boa ouvinte, disposta a dar conselhos impecáveis, diretos, francos, úteis, sensatos e inteligentes. Alisa fez com que este livro fosse publicado, principalmente pela sua insistência em ler a próxima história, ajudando-me a encontrar tempo para escrevê-las. Sou incrivelmente grato a ela. E agradeço a Stephanie Monteith, cujos olhos afiados e conhecimento sobre a cultura nórdica encontraram várias incongruências que eu poderia ter deixado passar. Também agradeço a Ammy Cherry, da editora Norton, que sugeriu que eu podia recontar alguns destes mitos durante um almoço no meu aniversário, oito anos atrás, e que foi, considerando tudo, a editora mais paciente do mundo.

Qualquer erro, conclusão precipitada ou opinião estranha neste livro são meus, e apenas meus, e não gostaria

que ninguém além de mim fosse responsabilizado. Espero ter contado estas histórias com uma voz honesta, mas admito que houve alegria e criação durante o processo.

Essa é a graça dos mitos. A diversão vem de contá-los você mesmo, algo que o encorajo veementemente a fazer, leitor. Leia as histórias deste livro, depois se aproprie delas e, em uma noite gelada de inverno — ou em uma noite de verão em que parece que o sol não vai se pôr nunca —, conte a seus amigos o que aconteceu quando o martelo de Thor foi roubado, ou como Odin obteve o hidromel da poesia para os deuses...

Neil Gaiman
Lisson Grove, Londres
maio de 2016

OS PERSONAGENS



Muitos deuses e deusas são mencionados na mitologia nórdica. Você vai encontrar vários deles nestas páginas. Contudo, a maioria das histórias que conhecemos trata de dois deuses — Odin e seu filho, Thor — e daquele que foi feito irmão de Odin por um juramento de sangue, Loki, o filho de um gigante que vive em Asgard junto aos Aesir.

Odin

Odin é o mais poderoso e o mais velho dos deuses.

Ele conhece muitos segredos. Abriu mão de um de seus olhos em troca de sabedoria. E foi além: por poder e pelo conhecimento da magia das runas, sacrificou a si mesmo.

Odin se enforcou na Árvore do Mundo, Yggdrasill, e ficou pendurado em um galho por nove noites. Seu torso foi perfurado pela ponta de uma lança — um ferimento gravíssimo. Os ventos agarraram e açoitaram seu corpo dependurado. Ele nada comeu durante os nove dias e as

nove noites, e nada bebeu. Ficou ali, sozinho, com dor, a vida se esvaindo pouco a pouco.

Em meio ao frio e à agonia, já à beira da morte, seu sacrifício rendeu um fruto sombrio: no êxtase da dor, Odin olhou para baixo, e as runas lhe foram reveladas. Ele as compreendeu, assimilando seu poder e significado. Então a corda se partiu, e, com um grito, Odin caiu da árvore.

Ele passou a entender a magia. E o mundo passou a lhe pertencer.

Odin tem muitos nomes. É o Pai de Todos, o Senhor dos Mortos, o deus da força. É o deus das cargas e dos prisioneiros. É chamado de Grímnir e de Terceiro. Recebeu um nome diferente em cada país (pois é cultuado de formas diferentes e em muitas línguas, mas é sempre Odin o objeto de culto).

Ele viaja para todos os cantos sob um disfarce, querendo ver o mundo como as pessoas comuns. Quando caminha entre nós, é na forma de um homem alto usando manto e chapéu.

Odin tem dois corvos, Hugin e Munin, cujos nomes significam “pensamento” e “memória”, respectivamente. Esses pássaros voam pelo mundo inteiro, trazendo notícias e levando a Odin todo o conhecimento das coisas. Os corvos pousam em seus ombros e sussurram aos seus ouvidos.

Quando ele se senta em seu grandioso trono em Hlidskjalf, contempla tudo, não importa onde no universo. Nada pode ser ocultado de Odin.

Ele trouxe a guerra para o mundo: as batalhas eram iniciadas com um guerreiro arremessando a lança na

direção do exército inimigo, dedicando a batalha e suas mortes a Odin. Os sobreviventes resistiam pela graça de Odin; e os caídos na guerra eram traídos por ele.

Os guerreiros mortos em batalha são levados pelas Valquírias — belas donzelas guerreiras que recolhem as almas dos mortos honrados — para um salão conhecido como Valhala. Lá ele estará esperando pelos caídos, e os mortos beberão, lutarão, batalharão e se banquetearão tendo Odin como líder.

Thor

Thor, filho de Odin, é o forjador de trovões. Ele é bem direto e franco, ao contrário do pai, que é ardiloso; é amigável e carismático, enquanto o pai é sorrateiro.

Thor é grande, tem barba ruiva e é forte, de longe o mais forte dos deuses. Sua força é ampliada pelo seu cinturão, Meginjord: sempre que o usa, a força de Thor dobra.

Sua arma é Mjöltnir, um martelo impressionante, forjado por anões especialmente para ele. Essa história você ainda vai conhecer. Trolls, gigantes do gelo e gigantes das montanhas, todos tremem quando avistam Mjöltnir, que matou muitos de seus irmãos e amigos. Thor também usa luvas de ferro, que o ajudam a segurar o cabo da arma.

A mãe de Thor era Jörd, a deusa da terra. E seus filhos são Módi, o raivoso, e Magni, o forte. Sua filha é Thrud, a poderosa.

Ele é casado com Sif, dos cabelos dourados. Ela teve um filho, Uller, antes de se casar com Thor, e Thor é seu

padrastrô. Uller é um deus que caça com arco e flecha, o deus dos esquis.

Thor é o defensor de Asgard e Midgard.

Há muitas histórias sobre Thor e suas aventuras. Você vai encontrar algumas delas neste livro.

Loki

Loki é muito bonito. Ele é sensato, convincente, simpático e, de longe, o mais perspicaz, sutil e astuto de todos os habitantes de Asgard. É uma pena que haja tamanha escuridão em seu âmago: tanta raiva, tanta inveja, tanta cobiça.

Loki é filho de Laufey, também conhecida como Nál, ou agulha, porque ela era magra, bonita e afiada. Dizem que seu pai era Fárbaumi, um gigante cujo nome significa “aquele que dá golpes poderosos”, um ser tão perigoso quanto seu nome indica.

Loki viaja pelo céu com sapatos voadores e pode assumir a forma de outras pessoas ou de qualquer animal, mas sua verdadeira arma é a mente. Ele é mais inteligente, sutil e traçoeiro do que qualquer deus ou gigante. Nem mesmo Odin é tão astuto.

Loki é irmão por jura de sangue de Odin. Os outros deuses não sabem quando ou como Loki chegou a Asgard. Ele é amigo de Thor e também seu pior inimigo. Loki é tolerado pelos deuses, talvez porque seus estratagemas e planos os salvem com a mesma frequência que os metem em apuros.

Loki torna o mundo mais interessante, mas menos seguro. Ele é o Pai de Monstros, o autor de infortúnios, o deus da trapaça.

Loki bebe demais e não consegue conter as palavras, nem os pensamentos, nem as ações quando o faz. Loki e seus filhos têm um papel importante no Ragnarök, o fim de tudo, e não será ao lado dos deuses de Asgard que eles vão lutar.

PREPARE-SE PARA UMA JORNADA QUE O LEVARÁ DA ORIGEM DO UNIVERSO ATÉ O FIM DO MUNDO

Os grandes mitos escandinavos recontados em um arco que vai do início dos tempos até o apocalipse mítico do Ragnarök. Neil Gaiman empresta suas palavras aos contos, mas se mantém fiel à mais tradicional leitura da mitologia nórdica, que guarda em verso e em prosa as lendas de Odin, o mais poderoso dos deuses, sábio, audacioso e sagaz; de Thor, seu filho, o mais forte, porém o menos inteligente dos deuses; e de Loki, filho de gigantes, irmão de Odin por juramento, trapaceiro e extraordinário manipulador.

Em quinze histórias fascinantes, Gaiman nos apresenta deuses competitivos que traem e são traídos e cujas emoções ditam grande parte de suas ações — traços marcantes de uma mitologia que ganha, neste livro, um novo e precioso registro.

“Tentei me imaginar muito tempo atrás, nas terras onde essas histórias foram contadas pela primeira vez, durante as longas noites de inverno (...), cercado por pessoas que queriam saber o que mais Thor fez, o que era o arco-íris, como levar a própria vida e de onde vem a poesia ruim.”

NEIL GAIMAN

